

ENSINO-APRENDIZAGEM DE INGLÊS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: CONSIDERAÇÕES SOBRE MULTILETRAMENTOS E FORMAÇÃO DOCENTE

Ana Sara Manhabusque Galvão¹

Cláudia Jotto Kawachi-Furlan²

Resumo: A presente pesquisa investigou desafios do ensino de língua inglesa (LI) no contexto da Educação Infantil (2 a 5 anos), analisando a formação de professores para esta faixa etária sob a ótica da pedagogia dos multiletramentos (ROJO, 2012). O objetivo foi investigar a atuação de professoras voluntárias de inglês em um Projeto de Extensão que ocorre no Centro de Educação Infantil Criarte, na Universidade Federal do Espírito Santo, focando no planejamento das aulas e na utilização de material didático. Este trabalho se justifica pela relevância em investigar a formação de professores que atuam nesse contexto, tendo em vista a lacuna na formação (o foco do curso de Letras é a Educação Básica e o curso de Pedagogia não aborda aspectos de ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras), a falta de parâmetros oficiais e falta de currículo mínimo para o ensino (CARVALHO; TONELLI, 2016). Para atingir os objetivos deste estudo, foram conduzidas entrevistas com as professoras voluntárias do Projeto de Extensão e com as pedagogas da Criarte. As entrevistas foram transcritas e analisadas junto com os planos de aula das voluntárias. Diante dos resultados foi possível compreender melhor a atuação das participantes deste estudo e o que direciona suas práticas no projeto.

Palavras-chave: Formação de Professores. Língua Inglesa para crianças. Multiletramentos.

Abstract: This research investigated challenges in English Language Teaching (ELT) in Early Childhood Education (2 to 5 years old). It was analyzed the process of educating teachers to work with this age group considering the theory of multiliteracies (ROJO, 2012). The aim was to investigate the practice of voluntary English teachers at an Extension Program that takes place at CEI - Criarte, at Universidade Federal do Espírito Santo. The focus was on lesson planning and teaching materials. This research is justified due to the relevance of investigating teacher education to work with children, considering the gap (Languages and Literature undergraduate courses focus on Elementary/High School, and Pedagogy undergraduate courses may not deal with foreign language teaching), and the absence of official parameters and a curriculum to teach kids (CARVALHO, TONELLI; 2016). To reach the aims of this study, it was conducted interviews with the voluntary teachers who participate in the Extension Program and with pedagogues of Criarte. The interviews were transcribed and analyzed along with the lesson plan of the volunteers. In the face of collected data, it was possible to better comprehend the practice of the participants in this study and what directs their practice in the Program.

1 Graduanda em Letras-Inglês na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) em Vitória-ES, Brasil. E-mail: galvao.anasara@gmail.com

2 Professora no Departamento de Línguas e Letras da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) em Vitória-ES, Brasil. E-mail: claudiakawachi@gmail.com

Keywords: Teacher Education. English Language for Children. Multiliteracies.

Introdução

Quando refletimos sobre ensino de língua inglesa (LI), é preciso levar em consideração que há desafios quando o contexto é a Educação Infantil. O professor de língua inglesa para esta faixa etária vai lidar com crianças que ainda não foram alfabetizadas em sua língua materna e, portanto, abordará a língua estrangeira de maneiras diversificadas, não sendo limitado a uma prática mais estrutural. Nesse sentido, Ferraz e Nascimento (2017), pautados em Cope e Kalantzis (2000), esclarecem que os multiletramentos enfatizam uma negociação de sentidos e discursos, para além da prática tradicional de alfabetização baseada fortemente em textos escritos.

Ao considerar a proposta da pedagogia dos multiletramentos, o foco do professor de LI não vai ser restrito ao campo linguístico, mas vai contribuir para o desenvolvimento integral da criança, por isso é importante vislumbrar possibilidades de educação linguística em LI que contribua para uma formação mais completa, conforme defende Rocha (2007), ao lembrar que o desenvolvimento de habilidades linguísticas não deve ser o único foco do ensino de Língua Estrangeira para Crianças (LEC). Este ensino também deve contribuir para o “crescimento intelectual, físico, emocional e sociocultural da criança” (ROCHA, 2007, p. 278).

Diante deste cenário de mudanças tecnológicas, sociais e epistemológicas, a presente pesquisa buscou apresentar reflexões sobre a formação do profissional de LI para atingir este fim. Em face da problemática da lacuna na formação de professores de inglês para atuar na Educação Infantil, ou de pedagogos preparados para o ensino de LI, outro agravante que potencializa essa situação é a falta de parâmetros oficiais e a falta de um currículo mínimo para o ensino de LI para crianças (CARVALHO; TONELLI, 2016).

É preciso reiterar que quando o foco é o desenvolvimento da criança de forma integral, embasar a prática do professor na teoria dos multiletramentos parece apropriado, uma vez que ajuda o professor a ir além da visão tradicional de ensino, que muitas vezes pode ser considerada defasada. Muito além de recursos físicos ou técnicos, trata-se de formas de lidar com a realidade que nos cerca, que não pode ser ignorada no ensino, como apontam Tavares e Stella (2014), “a formação de professores deve considerar que esse mundo em que estamos inseridos oferece novas formas de se fazer sentido, não observados pelas formas tradicionais de ensino e aprendizagem de línguas” (2014, p. 85).

Tendo em mente a importância dessas novas formas de construção de sentido, esta pesquisa envolve professoras em formação que participaram de um projeto de extensão “Línguas e Culturas na Escola”, desenvolvido no Centro de Educação Infantil – CEI Criarte, na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Essas professoras voluntárias realizaram discussões e leituras baseadas na teoria dos multiletramentos e várias participaram de um grupo de estudos sobre Educação Crítica. No projeto de extensão, elas atuam juntamente com as pedagogas da Criarte. Por meio da pesquisa, buscamos investigar como essa formação desenvolvida no âmbito do projeto dialoga com a prática efetiva na Criarte.

O foco deste estudo é compreender a prática das três professoras voluntárias, refletindo sobre as escolhas feitas com relação ao planejamento de aulas e uso de material didático. Para tanto, os dados foram gerados por meio de entrevistas com as professoras voluntárias e com as pedagogas, bem como pela análise de planos de aula³.

Metodologia

A metodologia de pesquisa adotada por este estudo foi de base qualitativa e interpretativa, pois visa a análise e interpretação dos dados de forma detalhada para poder refletir sobre aspectos da prática pedagógica das professoras voluntárias, buscando subsídios na pedagogia dos multiletramentos. Como apontam Lüdke e André (2017), nesse tipo de pesquisa, os dados são oriundos de seu ambiente natural, e o pesquisador mantém contato direto com o contexto estudado.

O contexto de pesquisa é o projeto de extensão “Línguas e Culturas na Escola” realizado na Criarte – UFES. Este projeto é coordenado e supervisionado por professores do Departamento de Línguas e Letras em parceria com a direção da Criarte. O trabalho com línguas estrangeiras (espanhol, francês, inglês e italiano) é realizado com crianças de 2 a 5 anos, e os professores voluntários acompanham parte da rotina das crianças, participando das atividades por um turno (manhã ou tarde) em um dia da semana.

No que tange à geração de dados, a primeira fase consistiu em realizar entrevistas com professoras voluntárias do projeto de extensão, com base em um roteiro previamente elaborado. Foram entrevistadas três professoras voluntárias atuantes no projeto, as entrevistas foram gravadas com a autorização delas. As perguntas e respostas da entrevista foram

³ O presente artigo é fruto de uma pesquisa desenvolvida no âmbito do Programa Institucional de Iniciação Científica (PIIC - UFES). A pesquisa foi finalizada em 2018 e teve como título “Multiletramentos e Formação de Professores de Inglês para crianças (2 a 4 anos) na contemporaneidade: um estudo de caso”.

transcritas e analisadas posteriormente, juntamente com os demais dados gerados. Acerca da importância do instrumento de entrevista para as pesquisas qualitativas, pontuam LUDKE e ANDRÉ:

A grande vantagem da entrevista sobre outras técnicas é que ela permite a captação imediata e corrente da informação desejada, praticamente com qualquer tipo de informante e sobre os mais variados tópicos. Uma entrevista bem feita pode permitir o tratamento de assuntos de natureza estritamente pessoal e íntima, assim como temas de natureza complexa e de escolhas nitidamente individuais (2017, p. 39).

Por estas razões, optamos por utilizar as entrevistas, que facilitaríamos a obtenção de dados acerca de escolhas individuais, e utilizamos um esquema mais flexível na elaboração do roteiro de entrevista, a fim de garantir a conveniência da abordagem e a fluência do diálogo (LUDKE; ANDRÉ, 2017, p. 40).

A segunda parte da geração de dados incluiu entrevistas com as pedagogas atuantes na Criarte, que acompanharam o desenvolvimento do projeto de inglês nas salas em que lecionavam. Quatro professoras participaram das entrevistas, e estas também foram transcritas e comparadas aos demais dados. Na análise de dados foram utilizadas as entrevistas das professoras voluntárias, as entrevistas das professoras da Criarte e os planos de aulas das voluntárias. O objetivo desta análise foi compreender os aspectos da prática pedagógica das professoras que atuam no projeto, buscando subsídios na pedagogia dos multiletramentos para embasar tal análise.

Reflexões sobre as participantes, o planejamento das aulas e a utilização de material didático

Nesta seção serão apresentados e discutidos os principais resultados do estudo. Iniciamos com o perfil das participantes, e na sequência, tecemos considerações acerca do planejamento das aulas e da utilização de material didático para crianças de 2 a 5 anos.

PERFIL DAS PARTICIPANTES

No quadro a seguir, apresentamos o perfil das professoras participantes e as respectivas informações acerca da experiência na área de ensino para crianças e também os motivos que as levaram a fazer parte do projeto de extensão. Vale ressaltar que as participantes foram identificadas com nomes fictícios a fim de garantir a privacidade dos dados coletados.

Quadro 1: perfil das participantes

Participante	Período na graduação ⁴ (Na entrevista)	Experiência docente	Experiência LIC	Motivos para atuar no projeto de extensão
Roberta	3º período	Não	Não	Por gostar de crianças e querer experiência trabalhando com elas
Gabriela	3º período	Não	Não	Para trabalhar com crianças; curiosidade. Interesse no público infantil e na “lacuna” que não é abordada na graduação.
Juliana	5º período	Sim	Sim	Por gostar de trabalhar com crianças; pela experiência positiva trabalhando com crianças em outros contextos.

Fonte: elaboração própria

É possível perceber que apenas uma das professoras voluntárias (Juliana) possui experiência com crianças, tendo atuado como professora assistente em uma escola particular bilíngue em Vitória/ES. Ela afirma, ainda, que a experiência trabalhando com crianças foi positiva e despertou a vontade de trabalhar em outros contextos.

Todas as participantes apresentam uma busca por novas experiências, interesse pelo ensino de Língua Inglesa para Crianças (LIC) e também certa “afinidade” com a faixa etária em questão, ao alegarem, por exemplo “gostar de crianças” (Roberta) ou ter “interesse no público infantil” (Gabriela).

Sabemos que o curso de Letras – Inglês não oferece formação específica para o ensino de crianças, como também evidencia Gabriela ao mencionar uma “lacuna que não é abordada na graduação”. Essa lacuna na formação de graduandos em Letras tem sido justificada pela não obrigatoriedade do ensino de inglês na Educação Infantil e nos primeiros anos do Ensino Fundamental. Essa questão é apontada por Tonelli (2016), ao problematizar:

“Como a língua estrangeira só se torna obrigatória a partir dos anos finais do ensino fundamental, não há documentos oficiais que sustentem o ensino desta para crianças, não há parâmetros que a norteiem, guias curriculares, nem consequentemente uma formação de professores específica” (TONELLI, 2016, p. 92)

Essa ausência de uma formação específica é que gera a problemática que vem sendo investigada nesta pesquisa. Diante desta ausência, como os professores que precisam (e querem) atuar na área se manifestam? A que(m) recorrem? Quais são os recursos disponíveis? Dentro de um contexto de investigação específico, procurou-se explorar esses pontos.

4 O período na graduação é referente ao momento da coleta de dados

Partindo deste perfil que foi traçado, focamos na análise de alguns pontos das entrevistas realizadas com as participantes relacionados ao planejamento de aula, materiais e a própria experiência no projeto de extensão.

PLANEJAMENTO DE AULA

Na entrevista realizada com as participantes, uma das questões trata do planejamento das aulas que ocorriam no projeto de extensão. Julgamos relevante fazer esse questionamento uma vez que o foco deste estudo incide em compreender como se dá a prática pedagógica das participantes. Na questão 6 da entrevista, perguntamos “como é feito o planejamento das suas aulas?”. As participantes responderam:

Não sei, é uma inspiração divina (...) a gente conversava com ela (professora da Criarte) a cada semana e perguntava “O que você vai fazer semana que vem?” Aí ela falava e a gente tentava levar algo em cima daqui, mas nem sempre dava, porque às vezes, talvez ia ser um pouco... não complexo, mas pesado demais para as crianças aprenderem aquele vocabulário em inglês, mas a gente sempre tentava levar um pouco daquilo (...) então a gente sempre tenta inserir no contexto que eles estão vendo, é sempre baseado no que ela fala mesmo. (Roberta, entrevista)

O planejamento é feito em dupla, na verdade. Eu e minha dupla. Aí a gente se prepara... antes era aula a aula, aí esse semestre a gente começou a planejar por atividade (...) agora que a gente tá em outubro, vamos fazer alguma atividade para o Halloween (...) é um tema que a gente ainda não sabe como vai ser recebido pela escola, então a gente quer fazer uma atividade só pra mostrar um pouquinho da cultura da língua inglesa mesmo. (Gabriela, entrevista)

No início eu ia muito para a internet, jogava “nursery”, “lesson plan”, e também com algumas das experiências que eu tive na Escola X⁵, algumas atividades que eu fiz lá, eu tentava integrar na Criarte também. (...) tenho evitado um pouco a internet e tenho olhado assim “ah ela mostrou um livro”, aí não fui olhar nada na internet, já peguei o livro e fui olhar a atividade, montar a atividade. (...) Então é muito... tem a internet, tem o networking das pessoas que fazem, tem um grupo aí de whatsapp que eu sempre mando mensagem para as meninas “e aí, vocês vão fazer o que? Estou sem ideia, me dá uma aula”. (Juliana, entrevista).

É possível perceber diferenças no que se refere ao planejamento de aula das professoras voluntárias. Roberta se baseia muito no contexto e nos temas que estão sendo propostos pelas próprias professoras da Criarte durante o período letivo, preocupando-se com a complexidade de certos vocabulários e fazendo adaptações. Gabriela segue o mesmo caminho, mas ressalta uma preocupação em levar aspectos culturais, como o Halloween e como isso seria recebido pela Criarte. Juliana destaca aspectos importantes de seu planejamento como a internet, materiais didáticos e o “networking” entre professores.

5 Nome da escola alterado para preservar sua identidade

Pode-se constatar que há uma grande preocupação em torno da reação das professoras e da coordenação/direção da Criarte no que se refere ao projeto de extensão. Isso porque o planejamento procura abarcar o que elas estão desenvolvendo com os alunos e como “conectar” isso com o ensino de inglês e com os aspectos culturais da língua. Como o projeto é desenvolvido em parceria com a Criarte, espera-se que as aulas de LE estejam em sintonia com os temas e as propostas das pedagogas.

É possível perceber, também, que apenas uma das participantes cita o uso de materiais didáticos específicos (Juliana), enquanto as demais parecem seguir por uma linha mais intuitiva em relação aos planejamentos. Através do recorte do Plano de Aula 1 (Juliana), podemos perceber uma preocupação em sensibilizar as crianças e levar até elas uma abordagem mais crítica:

Figura 1: Objetivos específicos (plano de aula 1)

OBJETIVOS ESPECIFICOS:

1. Fazer uma abordagem das cores individual, ou em grupos de 2 crianças.
2. Usar as massinhas nas cores aprendidas
3. Alunos associarem as cores com objetos do dia a dia.
4. Mostrar para as crianças que não existe cor só de menino e cor só de menina.

Fonte: Plano de aula 1 (Juliana)

Essa preocupação em abordar com as crianças que não existe “cor só de menino” ou “cor só de menina” é evidenciada por Tonelli (2016) quando aponta as questões que estão além de aspectos linguísticos no ensino da língua:

Contemplar o desenvolvimento integral do aluno significa estimular seu conhecimento linguístico, cognitivo, físico, emocional e sociocultural (ROCHA, 2007a, 2008; TONELLI; GIMENEZ, 2013), ou seja, abarcar as múltiplas facetas que envolvem o progresso da vida infantil para a vida adulta. Nelas estão imbricadas práticas que envolvam o uso do repertório da língua, promovendo atividades intelectivas que proporcionem o desenvolvimento mental, que foquem também no aprimoramento da coordenação motora, da inteligência espacial, da autoestima, do conhecimento do outro, do autoconhecimento e autorregulação da aprendizagem, da percepção das semelhanças e diferenças, das proposições interculturais, da compreensão do funcionamento social entre outros (TONELLI; 2016, p. 94).

Dessa forma, é possível perceber no recorte do plano de aula mostrado anteriormente uma preocupação em envolver esses aspectos sociais no ensino da língua e não apenas o

desenvolvimento das capacidades linguísticas. Neste quesito, a importância da criticidade aparece de forma evidente, mesmo no contexto de LIC, como forma de dar mais sentido e motivação às aulas de língua inglesa, como apontado por Alencar, Gattolin e Oliveira (2015, p. 237):

Aprender língua envolve, também, somar às listas de vocabulário e gramática, muito comuns às aulas de LE, sentidos e criticidade, que podem dar melhores resultados e mais motivação para estas aulas. Acreditamos que podemos ser críticos em qualquer método, desde que estejamos em constante formação para sermos capazes de observar, adequar e também criar materiais, trabalhando temas pertinentes e que possam dar abertura ao desenvolvimento de sujeitos críticos.

Portanto, coloca-se em evidência a relevância de abordar a língua juntamente com aspectos sociais e críticos, levando em consideração o desenvolvimento integral da criança e sua participação como cidadãos na sociedade. No contexto de LIC, pode se tornar mais desafiador trabalhar com a criticidade, mas é justamente nesse contexto que a educação crítica é essencial, como apontam Alencar, Gattolin e Oliveira (2015, p. 239):

No cotidiano de ensino e aprendizagem de LI, são muitas brechas (Duboc, 2014) que possibilitam o professor/a à prática dos letramentos críticos, (doravante LC). Ter uma formação dentro dessa perspectiva, torna-se fundamental para que possamos aproveitar as brechas, tornando possível a inclusão de temas pertinentes à formação de sujeitos críticos mesmo quando o currículo local ou o material didático não estejam tão adequados para tal.

Pela fala das professoras voluntárias durante a entrevista, é possível perceber que há interesse em atuar nessas brechas citadas pelas autoras, ao tentar propor temas críticos e pertinentes. Entretanto, há também uma certa restrição quanto ao conteúdo, o que as leva a focar em temas “não polêmicos” como relata Juliana ao ser questionada sobre o conteúdo⁶ de suas aulas:

Ah, eu queria muito trabalhar com gênero, mas eu não posso. [...] você vê que isso não é um assunto. E eu faço algumas intervenções quando eles começam “não, não chora não, não foi nada”, aí eu chego e falo “pode chorar, vem cá, vem chorar”, porque é sempre para os meninos, entendeu. Sempre, os meninos não podem chorar. E eu vejo lá muitas relações de gênero ali que precisam ser trabalhadas. [...] eu queria trabalhar gênero, mas aí eu fico em assuntos não polêmicos: frutas, animais, cores, partes do corpo. (Juliana, entrevista)

6 Questão 9 da entrevista: *Como você escolhe qual conteúdo vai ser aplicado?*

Dessa forma, percebe-se que em muitos momentos essa atuação “nas brechas” consegue ser realizada, mas em outros ela pode encontrar resistência, como relatado por Juliana.

Ainda tratando sobre os planejamentos de aula, buscamos ouvir também o posicionamento das professoras (Pedagogas e auxiliares da Criarte) a respeito do projeto de inglês que se desenvolvia em suas salas de aula. Acreditamos na importância de contemplar a opinião destas professoras ao considerar que o projeto trabalhava em parceria com as mesmas.

Na questão 2 da entrevista, perguntamos a respeito da opinião delas sobre o projeto. Vale ressaltar que o nome das professoras também foi identificado com nomes fictícios para preservar a privacidade dos dados coletados.

Ah, foi um projeto que veio a agregar, veio a somar. As crianças adoravam os momentos (...) Foi para além daqui, a gente as vezes acha que a vivência é só aqui e finda aqui, mas não, começou aqui e foi muito interessante, teve uma aceitação muito boa das crianças, dos pais também, a gente percebia né, essa interação conosco perguntando “poxa tá chegando e tá falando e tal, tô tendo que aprender também”. (Carina, entrevista)

Eu achei bem bacana o projeto assim, acho que as meninas foram bem esforçadas assim, em trazer coisas que tivessem realmente adequadas à idade, que isso é o mais importante (...) Às vezes né, acontecia de ter uma brincadeira ou outra que as crianças não interagiam tanto como elas esperavam e elas ficavam meio frustradas, mas a gente dava umas dicas e elas mudavam na hora e a coisa ia fluindo, foi muito interessante. (Isabela, entrevista)

Eu acho o projeto interessante, porque as crianças têm acesso a um outro tipo de idioma né, e eles gostam muito de aprender outra língua, se interessam, tentam fazer a pronúncia correta. Mas, eu acho que o projeto precisa... assim, ele precisa se consolidar dentro do Criarte, com um pouco mais de planejamento, de envolvimento com o que os professores têm feito em sala de aula né. Tentando trabalhar a partir da mesma linha do projeto de sala, porque assim as crianças conseguem se apropriar dos dois elementos, tanto da língua portuguesa quanto do outro idioma, na relação do que eles têm feito na sala de aula no cotidiano. (Andressa, entrevista)

É possível perceber que as professoras acreditam que o projeto veio a somar no contexto em que acontecia. Todas citam a importância da interação e desse diálogo do projeto com a equipe da Criarte, falam sobre a aceitação das crianças e até mesmo dos pais como algo muito positivo. Isabela cita, ainda, o esforço em “trazer coisas que tivessem realmente adequadas à idade”, o que também pode ser observado nos planos de aula das professoras voluntárias que foram apresentados nesta pesquisa.

Vale destacar a parceria que acontecia para que o planejamento de aula fosse efetuado, conforme a Professora Carina evidencia:

(...) Mas ela planejava, ela ficava atenta ao que a gente trabalhava, a gente sempre conversava, dialogava, não sentava em si, mas estava dialogando o tempo inteiro e ela tentava fazer essa articulação. Em alguns momentos eu dava uns toques, não no inglês, mas no que seria interessante dela tá trazendo, pra poder estar chamando a atenção das crianças. (Carina, entrevista)

Pode-se constatar que o diálogo entre as professoras voluntárias e as professoras da Criarte acontecia, e ele era parte chave na execução do projeto de inglês. Entretanto, a mesma professora (Carina) ao ser questionada sobre os pontos negativos do projeto, apontou o planejamento: *“(...) o momento do planejamento eu acho que ficou... que foi um ponto que poderia ter sido melhor”*. Reiterando a opinião apresentada por Andressa diante do mesmo questionamento: *“mas as vezes eu sentia que a orientação mesmo, que era dada pelo projeto, as vezes não tinha uma articulação com o que a gente estava fazendo”*. Ou seja, ela acredita que de certa forma faltou orientação para que as voluntárias atuassem de maneira mais completa.

Vale acrescentar que apesar dessa parceria que acontecia em sala, quando questionadas sobre o auxílio que dispensavam às voluntárias, elas evidenciaram a importância de uma certa liberdade para conduzir as intervenções: *“(...) na hora da intervenção a gente só dava o suporte, deixava que ela direcionasse, até mesmo para a formação dela né, eu acho que isso era importante”* (Carina). Essa situação é válida, visto que um dos focos desse projeto de extensão é a formação de professores para atuar nesse contexto. Desde o início, era esperado que as professoras da sala orientassem as voluntárias a respeito de questões relacionadas à aprendizagem de crianças nessa faixa etária e atuassem como colaboradoras nesse processo.

Com o intuito de aprimorar o trabalho desenvolvido no que concerne os planejamentos de aula, a Professora Andressa destacou que:

A questão do planejamento, às vezes a gente tinha retorno né, antecipadamente. Eu acho que o planejamento, quando a gente tem esse retorno antecipado, não só de que material eu vou precisar, mas de como eu vou atuar, qual vai ser a proposta do planejamento, qual atividade vai ser dada, como eu vou inserir esse planejamento. A gente ter esse conhecimento é muito importante. E ter um tempo também para planejar, seria fundamental que a gente tivesse um tempo, que o professor de sala tivesse um tempo para planejar junto com as voluntárias dos idiomas. (Andressa, entrevista)

Apesar de existirem “ferramentas”, como o uso do WhatsApp que foi mencionado por Carina como uma forma de troca de informações acerca das aulas, entende-se que é

necessário um tempo para que a professora de sala e a voluntária se encontrem a fim de dialogar sobre o planejamento.

O QUE É CONSIDERADO NO PLANEJAMENTO

Após descreverem como fazem o planejamento das aulas, perguntamos para as participantes, de modo mais detalhado, o que elas consideram ao realizar tal planejamento. Esta pergunta é referente à questão 6 da entrevista: “*O que você leva em consideração na hora de planejar uma aula ou propor uma atividade específica?*” As participantes responderam:

(...) a idade que elas têm, porque às vezes eu penso numa coisa que pode ser muito complexa pra elas (...) então assim, tem que ser na hora mesmo, na hora muda às vezes. Você pode chegar e falar “ah, eu vou fazer isso daqui”, mas na hora às vezes não vai dar. Às vezes até o interesse das crianças mesmo, porque por exemplo, a gente vê que quando a gente ensinou cor, partes do corpo, que eles tinham essa curiosidade, então a gente levava isso em consideração (...) então, a gente tenta ver coisas que eles tenham interesse... por exemplo, animalzinho que eu vou fazer agora, as crianças já tinham demonstrado interesse antes (Roberta, entrevista).

Tudo que a gente planeja, a gente procura a idade adequada para aquele tipo de atividade, então é a primeira preocupação, se a faixa etária das nossas crianças, do grupo, atenderia à atividade proposta. A gente sempre pensa em como a criança pode fazer parte daquela atividade, porque por exemplo, se a gente só pega um negócio de pintar e levar, a criança vai pintar, mas qual o intuito disso entendeu? Então a gente tenta fazer com que eles façam parte do projeto. A segunda é o tipo de material que a gente vai usar, tem que estar adequado também para a criança. (...) um outro fator que a gente tenta levar em consideração é essa coisa de “meaningful”, da atividade ter alguma representação para a criança, para não ser uma coisa isolada (Gabriela, entrevista).

Primeiro a segurança deles. Porque eu queria fazer uma atividade com pula-pula, depois eu pensei “ah isso não vai dar certo”. Porque eles podem cair e machucar. Então, primeiro eu vejo muito a segurança. Depois eu vejo se vai funcionar isso na aula, tem espaço? Funciona num grupo grande? (Juliana, entrevista).

Quando foram questionadas sobre o que levavam em consideração na hora de planejar a aula, as participantes apresentaram diversos fatores que podem ser observados em suas falas: Idade; interesse; curiosidade; participação da criança; material; significado; segurança; viabilidade, entre outros.

Muitas respostas apresentam certa preocupação com o interesse das crianças, as participantes mostram a intenção de trazer algo que envolva as crianças e seja “atrativo” para elas. Roberta cita essa preocupação ao dizer que “*a gente tenta ver coisas que eles tenham interesse*”, e a partir disso ela decidiu trabalhar com os animais, que foi um tema que as

crianças demonstraram interesse em aprender. Apresentamos na figura a seguir um recorte do plano de aula 2 (Roberta):

Figura 2: Aula sobre Animais

Lesson Plan - GROUP 2

- Quinta-feira (21/09)

30 minutos

Animals - Animais

Introduzir animais (cachorro, porco, coelho, gato) usando os bichinhos de estimação da Turma da Mônica (Floquinho, Bidu, Chovinista, Sansão, Mingau).

Flashcards com as imagens dos bichinhos e a palavra em inglês - os nomes dos animais de estimação continuarão em português porque as crianças já estão familiarizadas com os nomes na língua materna.

Atividade para colorir da Turma da Mônica com os bichinhos.

Fonte: Plano de Aula 2 (Roberta)

Nesta proposta de atividade é possível perceber que houve preocupação em desenvolver um tema que os alunos pediram, e de uma forma que estivesse de acordo com os interesses e curiosidades deles. Isto pode ser percebido ao utilizar os animais da Turma da Mônica, como observamos no Plano de Aula 2. Lima (2008) enfatiza essa concretização que as crianças fazem, de acordo com o tema trabalhado:

A criança tem uma necessidade muito grande de concretizar o que está aprendendo, assim, quando o inglês não tem motivos comunicativos, a criança não consegue entender sua importância no futuro. Os jogos e as brincadeiras são maneiras de concretizar o conhecimento, sendo de extrema importância nesta faixa etária (LIMA, 2008, P. 299).

No Plano de Aula 3, da participante Roberta, também é possível observar outro aspecto importante ao trabalhar com crianças, que é a questão cultural. A língua está intimamente ligada com a cultura, e podemos verificar esta inserção cultural no Plano de aula abaixo

Figura 3: Caixa da Natureza

- Quinta-feira (28/09)

30 minutos

As crianças fizeram uma caixa da natureza (que foi enviada para uma outra escola) e receberam uma caixa de Curitiba.

A proposta é fazer uma caixa da natureza com peças que sejam de países falantes da língua inglesa. A ideia é montar essa caixa na sala de aula com a ajuda das crianças.

O vocabulário do dia será dos itens que estiverem na caixa. E também servirá para mostrar uma cultura diferente da brasileira.

(Ainda estou atrás dos materiais necessários, mas já tenho caixa de sapato)

Fonte: Plano de Aula 3 (Roberta)

A preocupação com aspectos culturais nos remete ao conceito apresentado por Rojo (2016, p. 13) ao discutir multiletramentos, e como eles se conectam com a importância de se abordar a cultura em sala de aula, novamente, indo além de aspectos apenas linguísticos ao ensinar a língua. Para a autora:

Diferentemente do conceito de *letramentos (múltiplos)*, que não faz senão apontar para a multiplicidade e variedade das práticas letradas, valorizadas ou não nas sociedades em geral, o conceito de *multiletramentos* – é bom enfatizar – aponta para dois tipos específicos e importantes de multiplicidade presentes em nossas sociedades, principalmente urbanas, na contemporaneidade: a multiplicidade cultural das populações e a multiplicidade semiótica de constituição dos textos por meio dos quais ela se informa e se comunica (ROJO, 2016, p. 13).

Além do trabalho com aspectos culturais, as participantes também usam diferentes recursos para expor os aprendizes à LI, como pode ser observado no recorte do plano de aula a seguir:

Figura 4: Atividade com Música

2. Música – “Who took the cookie”

Vamos ensinar a música e cantar em roda logo após o vídeo.

Material utilizado: vídeo com 2’02” (em anexo) e o “cookie jar” que levaremos com as formas geométricas representado os cookies.

Tempo estimado: 12’ (vamos repetir algumas vezes)

Fonte: Plano de Aula 4 (Gabriela)

O recurso visual ao utilizar o vídeo é importante para criar “elos interculturais e linguísticos” ao pensar o ensino de LIC sob a perspectiva da pedagogia dos multiletramentos, como aponta Tonelli (2016, p. 94) ao citar Terra (2004, apud ROCHA, 2008):

No ensino de LIC, intensificam-se os letramentos multissemióticos ou multiletramentos, que se apropriam de outras linguagens, além da linguagem verbal, como o vídeo, a imagem, o som, etc. que hoje são maximizadas pela expansão da tecnologia. As fronteiras estão cada vez mais tênues, graças ao uso da internet e, portanto, o local e global também se condensam, a integração entre letramentos de língua materna e letramentos de língua estrangeira é o que Terra denomina de *transletramentos* (TERRA, 2004 apud ROCHA, 2008). Priorizam-se, logo, as cantigas e ritmos, jogos, brincadeiras, histórias, textos, vídeos, imagens nacionais e locais, bem como os estrangeiros, criando-se elos interculturais e linguísticos entre eles (TONELLI, 2016, p. 94).

Tais recursos como jogos, brincadeiras, vídeos e imagens ajudam a expandir a compreensão da língua e representam um excelente veículo para o processo de ensino-aprendizagem de LE na infância. Estas ferramentas podem ser consideradas uma fonte de recursos linguísticos, afetivos, cognitivos e socioculturais (ROCHA, 2007, p. 301).

Outro aspecto importante que foi citado por Gabriela é o que a atividade representa para a criança, o que é possível observar no trecho do plano de aula da mesma professora apresentado a seguir:

Figura 5: Frutas em Inglês

1. Kids vocabulary – apresentar o nome de algumas frutas em inglês, falar sobre a importância de comer frutas e incentivar as crianças a provarem frutas diferentes. Explorar os sabores azedo e doce. Também podemos introduzir as cores.

Material utilizado: flashcards produzidos pelas Teachers (exemplificados no final deste documento).

Tempo estimado: 8 minutos

Sugestão: realizar essa atividade antes do lanche da manhã.

Fonte: Plano de Aula 5 (Gabriela)

Há uma preocupação em apresentar o vocabulário juntamente com a prática, convidando as crianças a provarem as frutas, explorarem o sabor e terem contato com o vocabulário de forma ativa. Essa prática está em consonância com a proposta de Ferraz e Nascimento (2017), que defendem práticas que sejam significativas para os aprendizes.

Pode-se perceber nos planos de aulas que foram apresentados, que as professoras voluntárias trabalham os conteúdos de acordo com “temas”. Tal abordagem é defendida por Rocha, ao citar Scott e Ytreberg (1990, p.84), no que concerne à aprendizagem significativa

Scott & Ytreberg (1990, p.84) pontuam que o trabalho orientado por tópicos ou temas é uma maneira “útil, prática e prazerosa” de se ensinar crianças. As autoras enfatizam que, dentre outros fatores, o conteúdo torna-se mais importante que a língua em si, os temas ajudam a acelerar o processo de aprendizagem, os tópicos despertam o interesse e sentimentos do aluno e permitem um ensino mais personalizado, possibilitando o trabalho com todas as habilidades. (ROCHA, 2007, p. 297)

Tal aspecto reitera a busca das professoras voluntárias em apresentar os conteúdos de forma significativa para os alunos, com o intuito de despertar o interesse pela língua inglesa. No próximo item, discutiremos os materiais usados em sala de aula.

MATERIAIS USADOS NAS SALAS DE AULA

É importante salientar que as professoras voluntárias compreendiam material didático de maneira abrangente, não sendo limitado apenas ao uso de livro didático, como sugerem Harwood (2010) e Tomlinson (2010). Quando se trata de uso de material didático para crianças, é fundamental considerar todos os recursos utilizados em sala de aula, sobretudo por conta da idade e das características dos alunos.

Assim, uma questão abordada nas entrevistas foi referente ao material didático. Perguntamos para as participantes como é feita a escolha dos materiais que são utilizados em cada aula. Julgamos relevante incluir essa questão visto que o presente trabalho investiga a prática das professoras voluntárias e se a mesma é formada por escolhas conscientes ou de forma intuitiva e a escolha de materiais é parte fundamental desse processo. Na questão 9 da entrevista, perguntamos “*Como você escolhe quais materiais serão utilizados em cada aula?*” As participantes responderam:

Boa pergunta. O do twister, no caso, era o material mais resistente, porque as crianças iam ficar pisando em cima e tinha que ser coisas que iam resistir bastante. Mas esse da colagem, das texturas a gente não sabia muito bem, então a gente contou com o material da Criarte (...) foi realmente a gente passando a mão e sentindo a textura para ver se tinha diferença mesmo, e coisa brilhante, bem colorido (...) eu acho que é tipo o que vai casar com cada atividade, (...) a gente levou mais papel, e a única diferente foi massinha que não deu muito certo. (Roberta, entrevista)

Como a minha inspiração tá no Pinterest, a gente procura material que vai ser de fácil acesso, tipo rolinho de papel, borrachinha de dinheiro. (...) então a gente pensa em coisas assim, que não vão ser tão caóticas, até porque a nossa intervenção lá com eles é de meia hora (...) a gente acaba fazendo o clássico. (Gabriela, entrevista)

Ah, é a caixa de ovo que sobra, é o rolinho de papel higiênico. Eu vejo tudo no catraquinha livre, que é o infantil, eu vejo muitas sugestões ali. E aí eu vou pedindo para os outros, alguns eu compro, é bem relativo. (Juliana, entrevista)

No que se refere ao material, com base na entrevista realizada, observamos que todas as participantes fazem escolhas intuitivas, como cita Roberta, “o que vai casar com cada atividade” e Gabriela “a gente pensa em coisas assim, que não vão ser tão caóticas (...) a gente acaba fazendo o clássico”. Percebe-se certo receio ao fazer essa escolha dos materiais.

Na entrevista realizada com as Professoras da Criarte, a Professora Marina mostra pontos positivos de como esses materiais e recursos eram levados para a sala de aula.

O ponto positivo, assim, o que eu mais posso destacar são as crianças. Como as nossas crianças, pelo menos a turma que eu acompanhei, adoravam as aulas de inglês. Principalmente a parte que Juliana desenvolvia, porque ela sempre trazia coisas diferentes, fazia aula de mágica, vinha vestida com a capa do Harry Potter, fazia aula de culinária. Então, ela estava sempre colocando as funções que ela queria ensinar de uma forma bem lúdica e interativa. (Marina, entrevista) *(Nome alterado para preservar a identidade das participantes)*

Assim, apesar de apresentarem receio em alguns momentos, delimitando uma prática não tão consciente, as professoras voluntárias também apresentaram criatividade na escolha de materiais, de forma “lúdica e interativa”, considerando aspectos fundamentais para selecionar e elaborar materiais para crianças.

Conclusões

Este estudo buscou compreender as escolhas feitas pelas participantes do projeto de extensão. O foco deste estudo incidiu em compreender a prática de três professoras de inglês que atuaram voluntariamente no projeto de extensão “Línguas e Culturas na Escola”, que ocorreu na Criarte - UFES. Tendo em vista a lacuna na formação inicial das voluntárias com relação ao ensino-aprendizagem de inglês para crianças e a proposta do projeto de extensão de contribuir para essa formação, buscamos analisar a prática das participantes com base em suas visões. Além disso, contamos com a perspectiva das pedagogas da Criarte, uma vez que o projeto é desenvolvido em parceria com essa instituição.

Conforme discutido neste estudo, a prática das voluntárias alterna entre intuitiva e consciente dependendo da pessoa e do contexto/situação específico, não sendo possível afirmar que tal prática é somente consciente ou somente intuitiva, o que é bastante comum na prática docente, sobretudo para professores em formação.

Podemos observar que as participantes seguem uma linha mais intuitiva para realizar planejamentos de aula e escolha de material. No que se refere à escolha de material, os dados gerados sugerem que as escolhas foram em sua totalidade intuitivas, demonstrando, ainda, um certo receio ao fazer a escolha desses materiais. Tal receio pode estar relacionado ao momento em que essas participantes estão na formação: formação inicial e começando a atuar na educação infantil.

Além da alternância entre escolhas ora intuitivas e ora conscientes, foi observado um engajamento das participantes em promover o desenvolvimento integral das crianças (ROCHA, 2007) no projeto, não limitando suas escolhas ao ensino de itens lexicais, conforme apresentado nas entrevistas e excertos dos planos de aula. Nesse sentido, é possível inferir que a proposta de formação das professoras de acordo com a perspectiva dos multiletramentos está em consonância com a prática delas na Criarte.

Este estudo mostra que, apesar da lacuna na formação de professores para atuar nesta área (LIC), o projeto de extensão apresentou possibilidades para que as voluntárias tivessem contato com esse contexto e pudessem refletir a respeito do ensino de língua inglesa para crianças, o que contribuiu para sensibilização delas acerca desse contexto. Após a investigação conduzida através da análise de planos de aula e entrevistas, entendemos que o projeto de extensão pode contribuir para que as voluntárias façam escolhas informadas.

Para finalizar, Rocha (2007) defende que o foco do ensino de línguas para crianças realmente se encontra em estimular a afetividade e autoestima da criança:

Apesar de ser clara a importância da motivação para um ensino-aprendizagem de línguas efetivo, no que diz respeito ao sucesso ou insucesso do processo, devemos considerar, além da motivação, a importância da criança sentir-se confortável e segura quando inserida em situações de aprendizagem da língua-alvo (Fukushima, 2004; entre outros). Figueira (2002) mostra em seu trabalho, a relevância da afetividade, bem como a importância de uma autoestima elevada por parte da criança, para que a aprendizagem de LE possa ser bem sucedida (ROCHA, 2007, p. 291).

Entendemos que todos os esforços realizados por esta pesquisa e por várias outras conduzidas nesta área, objetivam atingir este fim: uma aprendizagem mais significativa e sensibilizada em relação a aspectos afetivos e a segurança da criança neste ambiente de aprendizagem.

Referências

ALENCAR, Elisa B; GATTOLIN, Sandra Regina B.; OLIVEIRA, Ana Claudia T. **Por que ensinar língua inglesa dentro da perspectiva dos letramento(s) crítico(s)?** Revista Diálogos Interdisciplinares – GEPPFIP. Mato Grosso do Sul: Aquidauana. v1, n. 2. p. 234-248, out. 2015.

CARVALHO, Ingrid; TONELLI; Juliana Reichert Assunção. **THE YOUNGER, THE HARDER: the challenges of teaching English to very young learners.** **REVELLI – Revista de Educação, Linguagem e Literatura**, Goiás. v.8 n.2. p. 1-18, jun. 2016.

FERRAZ, Daniel de Mello; NASCIMENTO, Ana Karina de Oliveira. **Language education and digital/new/multiliteracies: do we teachers consider what happens outside the school walls?** 2017 (no prelo).

HARWOOD, N. Issues in materials development and design. In: HARWOOD, N. (Ed.). **English Language Teaching materials.** Theory and practice. Cambridge University Press, 2010. p. 3-30.

LIMA, Ana Paula de. **Ensino de língua estrangeira para crianças: o papel do professor.** Cadernos de Pedagogia, Ano 2, Vol. 2, No. 3 jan./jul 2008.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E.D.A. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas.** 2a edição. Rio de Janeiro: EPU, 2017.

ROCHA, Claudia Hilsdorf. **O ensino de línguas para crianças no contexto educacional brasileiro: breves reflexões e possíveis provisões.** In: DELTA. v. 23. n. 2. p. 273-319, 2007.

ROJO, Roxane. **Multiletramentos na escola.** São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

TAVARES, Roseanne Rocha; STELLA, Paulo Rogério. **Novos Letramentos e a Língua Inglesa na Era da Globalização: Desafios para a Formação de Professores. Novos Letramentos, Formação de Professores e Ensino de Língua Inglesa.** Editora Edufal, 2014.

TOMLINSON, Brian. Principles of effective materials development. In: HARWOOD, Nigel. **English language teaching materials: theory and practice.** New York: Cambridge University Press, p. 81 – 108, 2010.

TONELLI, Juliana Reichert Assunção; MORENO, Ticiane Rafaela de Andrade. **Inglês para crianças do Ensino Fundamental I nos sistemas apostilados de ensino: instrumental ou transformador?** Revista Raído: Universidade Federal da Grande Dourados, MS (UFGD), v. 10, n. 23, 2º semestre de 2016, p. 90-113.

TONELLI, Juliana Reichert Assunção.; PÁDUA, Lívia de Souza. O estado da arte de pesquisas sobre ensino e formação de professores de línguas estrangeiras para crianças no Brasil. In: TONELLI, Juliana Reichert Assunção.; PÁDUA, Lívia de Souza; OLIVEIRA, Thays Regina Ribeiro (Orgs.) **Ensino e formação de professores de línguas estrangeiras para crianças no Brasil.** 1. ed. - Curitiba: Appris, 2017, p. 17-39.